

SEMIÓTICA HUMANA E SEMIÓTICA LINGUÍSTICA¹

María Aparecida BARBOSA²

O homem só conhece o universo natural através dos códigos por ele mesmo estruturados, com os quais cria outro universo, diferente do primeiro, mas que ele julga ser o “real”. Essa atividade codificadora do homem é, de certa forma, influenciada e condicionada pela semiótica natural, que lhe oferece modelos de estruturação.

A codificação do universo natural pelo homem não é outra coisa se não a visão particular que ele tem, como indivíduo ou como grupo, de forma que esse universo passa a existir para eles, segundo o modelo com que foi estruturado, e não pela sua natureza intrínseca, física e fisiológica.

Resulta dessa codificação, não a cópia, a reprodução, a tradução fiel do universo natural, mas a organização dos dados naturais em relações diferentes, em funções diversas, num sistema, enfim, que se constitui uma visão particular de um grupo humano que nela tem a sua percepção do universo.

Daí decorre que existem diferentes universos; o primeiro deles, o natural, independe da ação codificadora do homem. Entretanto, a partir do momento em que este começa a atuar sobre aquele, reelaborando-o e gerando novos fatos culturais, dependentes de sua ação codificadora -, passa-se a uma visão particular e arbitrária, de tal forma que o homem, não somente integra todos os dados de sua experiência, também a si mesmo se integra nos universos por ele assim criados que se tornam a sua realidade única e absoluta.

Chega-se, desse modo, ao universo referencial, antropocultural, em que cada elemento tem uma função - desempenho - e se define por suas relações de oposição, de dependências aos outros elementos, formando uma imensa rede que pode ser estruturada em código.

Esse universo antropocultural, ou referencial, que se apresenta como um primeiro nível de codificação da semiótica humana, é a substância que permite a organização de outro universo - o semiológico -, que se constitui numa visão do anterior e que, como ele, é diferentemente estruturado, segundo a cultura que lhe é subjacente. Talvez convenha lembrar aqui que A.Martinet (1973: p.12) já propusera a idéia de que “à chaque langue correspond une *organisation particulière des données de l’expérience*”.

1 Esse artigo foi publicado, em formato gráfico, no livro *Língua e Discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos*, 1996, Editora Plêiade, São Paulo. É a primeira vez em formato digital.

2 Universidade de São Paulo.

Nessa diversidade de visões do mundo, nessas diferentes estruturações semiológicas, há uma constante: os processos de que se servem as diferentes culturas para a elaboração de seus códigos e para a estruturação de seus universos, processos que podem ser analisados pela mesma metalinguagem lógico-matemática. Como existe também um núcleo de substância comum a todas as culturas, uma intersecção maior ou menor de significação entre estruturações do universo antropocultural, certas constantes de significação, universais semânticos, a que corresponderão intersecções nos universos semiológicos deles decorrentes.

Nota-se, pois, que os grupos humanos, a partir do universo antropocultural de que são portadores, organizam seus universos semiológicos, num segundo nível de codificação. Sobre este último, será vazado o código linguístico, instrumento privilegiado de comunicação de seus membros.

Assim, a forma do universo antropocultural será a substância do universo semio-lógico, que tomará os modelos dos objetos do primeiro, para que, com ele, seja elaborada uma visão linguística do mundo, ou ainda, a sua codificação noutros sistemas semióticos, como o musical, o pictórico, o arquitetônico, etc., no exercício de aptidão humana, universal, de codificar e integrar os fatos naturais e culturais em sistemas de significação.

Para uma visão mais precisa, ainda que bastante sumária, visto não ser este o escopo de nosso trabalho, tomaremos por base a noção de *topos* semântico, de Greimas, e o modelo de universo semiológico proposto por Pais(1974).

Os fatos semiológicos classificam-se segundo a natureza dos fatos antro-culturais, que costumam ser ordenados, essencialmente, em quatro grupos: os *biofatos*, ou fatos do universo físico e biológico, natural; os *sociofatos*, ou fatos da vida social, ou das estruturas sociais; os *mentefatos*, ou fatos da vida psíquica, interior; os *manufatos*, os objetos fabricados pelo homem. Esses dados constituem a substância do universo antro-cultural e, uma vez reduzidos a modelos ou classes de equivalência, que mantêm entre si relações de dependências, organizadas em rede, tornam-se a forma desse mesmo universo. Esses modelos, assim ordenados, serão justamente os elementos constitutivos da substância de um terceiro universo - o semiológico - que terá, pois, como substância, modelos antropoculturais que assumem, neste nível de codificação, o *status de fato semiológico*. Os fatos semiológicos, reduzidos, por sua vez, a modelos ou classes de equivalência semântica, mantêm entre si diferentes tipos de relações de oposição, que definem uma rede semântica.

Tomando por referência a organização dos modelos antropoculturais, temos quatro grandes classes de equivalência semântica dos fatos semiológicos, os *macrotopoi* (PAIS, 1974: p222), que se definem por um traço semântico comum a todos os seus elementos, o

macroclassema (id,ib:222). Donde quatro *macrotopoi*: o *macrotopos* dos fatos semiológicos biofísicos, ou *macrotopos* biofísico; o *macrotopos* dos manufatos ou *macrotopos* manufato; o *macrotopos* dos mentefatos ou psicofatos, ou ainda, o *macrotopos* psíquico e o *macrotopos* dos fatos sociais, ou *macrotopos* sociofatos.

Cada *macrotopos* sofre uma série de partições binárias sucessivas, que dão origem a uma rede de ramificações binárias ou arborescências. Cada *nó* da arborescência dá origem a um subarborescência, que se chama *topos*, que é sempre definido por um classema, que permite a inclusão de novos *topoi*, definidos por novos classemas que permite a inclusão de novos *topoi*, na mesma arborescência, e contidos no *macrotopos*.

O *topos* será, pois, uma classe de equivalência que reúne todos os fatos semiológicos caracterizados pelo classema que o define. Na relação de ordem parcial sobre o *macrotopos*, cada classema é sucessor de classema, sendo que os elementos pertencentes ao conjunto mantêm relações de dependência entre si. Assim é que as relações entre *topoi* sucessivos, na ordem parcial da arborescência, são inclusivas. Nesse tipo de relação, podemos conceber uma série de subconjuntos, tais que todo classema incluído num *topos* pertence, necessariamente, a um *topos* superior, sem que os classemas superiores sejam necessariamente definidos pelos classemas inferiores. Daí decorre que todo fato semiológico pertencente a um *topos*, pertence *ipso facto* aos conjuntos, aos *topoi* superiores, mas não necessariamente aos *topoi* inferiores. Assim, por exemplo, tomando-se o *macrotopos* biofísico, com os *topoi animado/inanimado* e, no *topos animado*, os *topoi humano/não humano*, estes últimos de qualquer forma pertencem aos primeiros - o fato semiológico definido pela classema *humano* implica o classema *animado* -, mas a definição de um fato semiológico pelo classema *animado* não implica em que esse fato seja definido como *humano*, ou *vertebrado* e pertença aos *topoi* correspondentes.

No caso de dois *topoi* opostos, isto é, dependentes do mesmo classema imediatamente superior, temos uma relação de oposição disjuntiva. Desta maneira, poderíamos estabelecer todos os tipos de relações de oposição e chegaríamos à constituição de uma rede intra-macrotópica. Entretanto, a rede não se esgotaria nesse momento, uma vez que se estabelecem também relações de dependência entre *topoi* pertencentes a *macrotopoi* diferentes, resultando desses modelos semiológicos uma rede inter-macrotópica. A redefinição semântica do universo semiológico será, pois, constituída da interligação das redes intra-macrotópicas e inter-macrotópica.

Concebido dessa maneira, o universo semiológico, em última análise, se apresenta como “um conjunto ordenado dos fatos semiológicos (...) reduzidos a modelos ou classes

de equivalência semântica (...) e relacionados através de reações de oposição, relações de dependência intra-macrotópicas e inter-macrotópicas” (id,ib:223-224).

Essa formulação nos parece importante na medida em que permite definir a isotopia do discurso “por referência à estrutura do universo semiológico e aos *topoi* aos quais se relacionam suas semias” (id,ib:226), de vez que esta mesma estrutura será a base de elaboração do código linguístico.

No momento, pois, em que se estrutura o universo semiológico, atinge-se uma etapa extremamente importante, adentra-se o território de código linguístico.

Sem dúvida, o código linguístico é aquele que pode tratar e compreender o maior número de dados e que pode, por conseguinte, cobrir a maior extensão do universo antropocultural; é o mais completo e econômico, sem que afirmemos, com isso, seja o único ou que abranja todos os fatos desse universo. Há, com efeito, elementos que escapam à codificação linguística e só podem ser exauridos por outro tipo de código que não o linguístico.

Por isso, no universo semiológico, a ação codificadora do homem não se restringe à estruturação linguística, mas lança mão de um amplo instrumental, que procura abarcar os dados que escapam aos recursos linguísticos, estruturando-os noutros sistemas semióticos.

Não se depreenda daí que os diferentes códigos sejam compartilhados estanques, e que certos dados sejam tratados exclusivamente por um deles. Ao contrário, um mesmo fato é suscetível de interpretação por meios de diferentes códigos. E ainda nesse particular, o código linguístico se mostra mais abrangente, pois mesmo que a codificação de uma mensagem não tenha significado linguístico, seu significado e sua decodificação poderão sê-lo.

Esse sistema assim estruturado, a forma do universo semiológico será a substância do universo semêmico. Assim, todo o conjunto ordenado dos modelos semiológicos, reduzidos a sememas, será a forma do universo semêmico.

Embora organizem basicamente o mesmo material referencial, os dois universos, o semêmico e o semiológico apresentam uma natureza diversa. O universo semiológico resulta de análise feita do antropocultural. O universo semiológico resulta da análise do antropocultural, feita pelo código linguístico e constituir-se-á numa visão do mundo; já o universo semêmico é a máquina que realiza a organização do anterior, por um processo exclusivamente linguístico: estrutura os elementos do universo antropocultural, portanto, elementos que têm um referencial fora do código linguístico - o instrumento para construir o semiológico é o aparelho semêmico - e, paralelamente, cria elementos que não têm

correspondentes fora do código, no universo antro-po-cultural, mas que são necessários ao estabelecimento de relações entre os primeiros, Essa combinatória sêmica permite que o código funcione, simultaneamente, com instrumento de análise e de comunicação.

Desse modo, está presente no universo semêmico não apenas uma codificação semiológica como também uma organização sentáxico-semântica.

Ao estruturar-se o significado, no universo semêmico, já temos a substância de conteúdo do signo linguístico, que deixa antever as suas possibilidades combinatórias e as suas funções dentro do código. A estruturação sêmica reduz cada elemento disponível no código a um conjunto limitado de traços mínimos de significado, os *semas*, que formam o seu *semema*. Esses traços individualizam cada signo, sem isolá-lo no conjunto; permitem, ao contrário, defini-lo por oposição aos demais signos, em vários tipos de relações de dependência.

Cria-se, assim, todo um sistema de relações de oposição de *semas* e *sememas* que assegura, ao mesmo tempo sua constância e sua interdependência, e permite, ainda, ao código agrupar signos que tenham *semas* em comum, num mesmo setor, o que vem a formar os *domínios de experiência*.

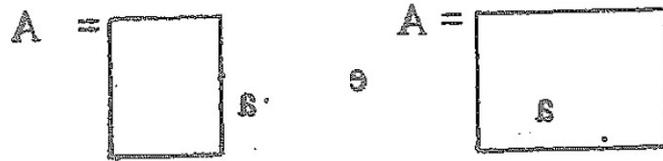
Dessa forma, consegue-se chegar a uma unidade estrutural do universo semêmico, no que tange às suas relações paradigmáticas, o que dá a essa análise, a nosso ver, o rigor do enfoque científico. A coesão de todo esse sistema é um dos aspectos mais notáveis na descrição do universo semêmico, em que cada elemento ocupa uma posição definida e exclusiva. Detenhamo-nos, por alguns instantes, nos diferentes tipos de relações que intervêm na estruturação sêmica, entre elementos, entre classes e entre elementos e classes.

Tomando-se como elementos os *semas*, traços mínimos pertinentes de significado, e, como conjuntos, os *sememas* - substância de conteúdo do signo linguístico -, temos as relações: de *sema* a *semema*, de *sema* a *sema* e de *semema* a *semema*.

Um *sema* pertence ou não pertence a um *semema*. Se *a* é um *sema* e *A* é um conjunto sêmico, um *semema*, podemos, assim, expressar essas relações:

$$a \in A$$
$$a \notin A$$

ou, em ideograma:



respetivamente.

Assim, por exemplo, o *sema animado* pertence ao *semema gato*, que também se escreve <gato>; o *sema potente* não pertence ao *semema mesa*, <mesa>.

Dois *semas* que estejam no mesmo nível da arborescência semiológica, são incompatíveis no mesmo *semema*, estão em relação de oposição exclusiva, paradigmática, v.g, *animado / não animado*, *humano / não humano*.

Dois *semas* que pertençam ao mesmo semema são, necessariamente, de níveis diferentes na arborescência semiológica e estarão, no *semema*, em relação sintagmática; por exemplo,

$$S_x = \{ \text{material, contável, potente, ...} \}$$

Estabelecem-se entre os *sememas* quatro tipos básicos de oposição:

Dois *sememas* que tenham alguns *semas* em comum e alguns *semas* diferentes são conjuntos que têm uma intersecção não vazia. Dizemos, então, que estão em oposição transitiva, ou

$$S_1 \cap S_2 \neq \emptyset$$

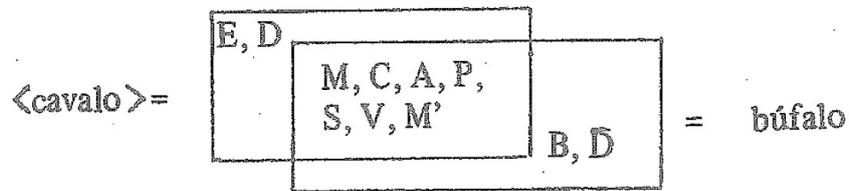
Seja S_1 o *semema* de cavalo e S_2 o *semema* de búfalo. Teremos:

$$\langle \text{cavalo} \rangle = \{ M, C, A, P, S, V, M', E, D, \dots \}$$

$$\langle \text{búfalo} \rangle = \{ M, C, A, P, S, V, M', B, \check{D}, \dots \}$$

onde M = material, C = contável, A = animado, P = potente, S = sexuado, V = vertebrado, M' = mamífero, E = equino, B = bovino, D = doméstico, \check{D} = não doméstico, selvagem, numa visão cultural.

O ideograma



mostra que

$$\langle \text{cavalo} \rangle \cap \langle \text{búfalo} \rangle = \{M, C, A, P, S, V, M'\}$$

A intersecção de dois *sememas* será o seu arquissemema, que neutraliza a oposição sêmica de dois primeiros. Cada um destes contém o arquissemema que será, pois, um subconjunto de dois. Dizemos, então, que cada um desses *sememas* está em relação de oposição inclusiva com seu arquissemema.

Dois *sememas*, que não tenham nenhum *sema* em comum, apresentam uma intersecção vazia. Dizemos, então, que estão em posição disjuntiva, ou seja,

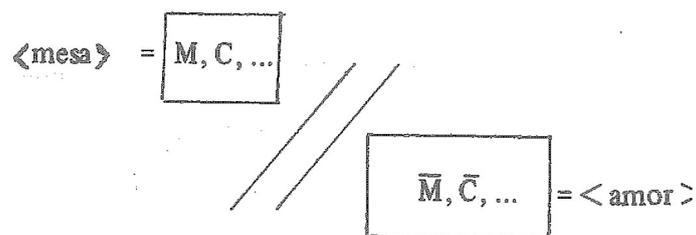
$$S_1 \cap S_2 = \emptyset$$

Por exemplo, os *sememas* de *mesa* e *amor*:

$$\langle \text{mesa} \rangle = \{M, C, \dots\}$$

$$\langle \text{amor} \rangle = \{\bar{M}, \bar{C}, \dots\}$$

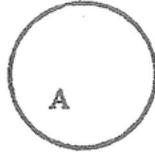
ou, em ideograma



Finalmente, cada *semema* é idêntico a si mesmo, isto é, está em oposição de identidade consigo mesmo:

$$S_1 = S_2$$

ou, em ideograma:



Esses quatro tipos de relações permitem opor todos os *sememas* do código num sistema fechado, que se define como uma rede interno-semêmica.

Tomando-se os *sememas* como elementos e os domínios de experiência como conjuntos, teremos relações de *semema* a domínio de experiência, de *semema* e de domínio a domínio de experiência.

Um *semema* S_1 pertence ou não pertence a um domínio de experiência DE_1 . Assim,

$$\langle \text{cão} \rangle \in DE_{\text{mamífero}}$$

$$\langle \text{mesa} \rangle \notin DE_{\text{profissão}}$$

Dois *sememas* que pertençam ao mesmo domínio, estão, necessariamente, em oposição inclusiva. Por exemplo,

$$\langle \text{cão} \rangle \in DE_{\text{mamífero}}$$

e

$$\langle \text{boi} \rangle \in DE_{\text{mamífero}}$$

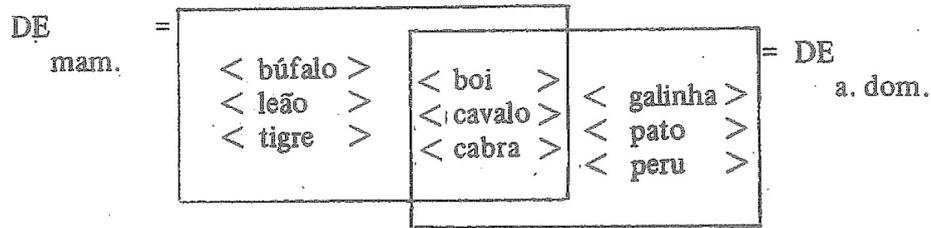
porque $\langle \text{cão} \rangle \cap \langle \text{boi} \rangle = \{M, A, C, P, S, V, M'\}$.

Dois domínios de experiência que tenham *sememas* em comum estão em relação de oposição transitiva:

$$DE_1 \cap DE_2 = \emptyset$$

v.g., $DE_{\text{mamífero}}$ e $DE_{\text{animal doméstico}}$

Em ideograma:



Dois domínios de experiência que não tenham nenhum *semema* em comum, estarão em oposição disjuntiva. Seja DE_1 = profissão e DE_2 = mamífero, temos

$$DE_1 \cap DE_2 = \emptyset$$

Quando um domínio de experiência DE_1 se define por arquissemema A_1 que contém outro arquissemema, A_2 , definidor do domínio de experiência DE_2 , o domínio de experiência DE_2 contém o domínio de experiência DE_1 , ou,

$$DE_2 \supset DE_1$$

Sejam os sememas <cão> e <boi>, S_1 e S_2 , e os arquissemema A_1 = <canino>, A_2 = <mamífero> e A_3 = <bovino> que definem, respectivamente, os domínios de experiência $DE_1 = DE_{\text{canino}}$, $DE_2 = DE_{\text{mamífero}}$ e $DE_3 = DE_{\text{bovino}}$.

É claro que, se o *semema* <boi> contém o arquissemema <bovino> que, por sua vez, contém o *semema* <mamífero>, ou seja,

$$S_2 \supset A_3 \supset A_2$$

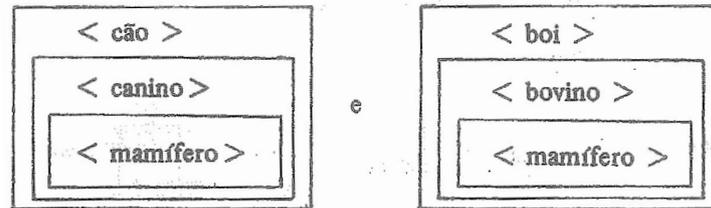
e se o *semema* <cão> contém o arquissemema <canino> que, por sua vez, contém o *semema* <mamífero>, ou seja,

$$S_1 \supset A_1 \supset A_2$$

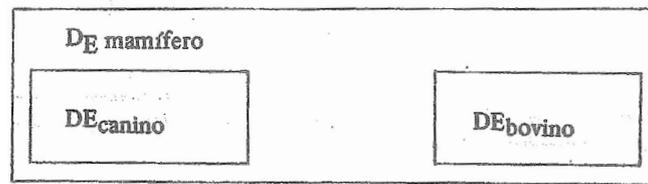
segue-se que o $DE_{\text{mamífero}}$, definido pelo arquissemema <mamífero>, contém o DE_{canino} e o DE_{bovino} , isto é:

$$DE_2 \supset DE_1 \quad \text{e} \quad DE_2 \supset DE_3$$

Em ideograma, teremos as relações sêmicas



de que decorrem as relações entre domínios:



Finalmente, um domínio de experiência está em oposição de identidade consigo mesmo.

Desses quatro tipos de relações, resulta uma rede inter-domínios. A interligação das redes inter-semêmica e inter-domínios configura a rede do universo semêmico.

Como se pode observar, as relações de traços sêmicos com os conjuntos sêmicos imediatamente superiores, as relações entre esses conjuntos, as relações destes últimos com conjuntos sêmicos mais abrangentes e as relações entre esses conjuntos, dos mais particulares aos mais gerais, estão estruturadas sobre um modelo lógico-matemático único e aplicável a todos os níveis de codificação, e que conduz ao estabelecimento de redes do mesmo tipo, que podem ser descritas pela mesma metalinguagem. Esse fato acrescenta à unidade estrutural uma unidade de análise.

O universo semêmico torna-se, pois, uma organização fechada, perfeita dentro de limites lógicos e suscetível de controle quanto ao processo de codificação semiológica.

Visto que os mecanismos para a construção do semiológico são próprios do semêmico, ambos os universos coexistem e se completam, numa interação constante, compondo o universo semântico do código linguístico.

A redução dos fatos semiológico a modelos puramente linguísticos faz com que os elementos do universo semêmico correspondentes a elementos do universo referencial ocupem a maior extensão do primeiro, na codificação linguística. Contudo, se o código a

eles fosse restrito, tais elementos não seriam suficientes para que se realizasse a comunicação linguística e não permitiriam o estabelecimento de relações precisas entre os referentes, na elaboração de uma visão do mundo.

Assim é o que, ao lado das classes de *designação*, que constituem a visão semiológica do universo antro-po-cultural, existem as *classes de relação*, conjunto de classes gramaticais que põem, em relação, as designações. Além disso, como o mecanismo de comunicação está ligado a uma situação de locução - a pessoa, os dêiticos, etc. -, faz-se necessária também uma *classe de formulação*, conjunto de classes gramaticais ligadas à interação do locutor (POTTIER, 1970:36).

O universo semêmico estrutura, então, não só sememas nas suas relações paradigmáticas - e nas relações sintagmáticas, de *sema* a *sema*, na combinatória semântica intra-signo, dentro dos limites dos elementos léxicos que lhe correspondem - , como também elabora-lhe a estrutura de tal forma que lhes permite colocarem-se em relação de oposição de contrastes, na combinatória semântica de um enunciado linguístico.

Desse modo, já no universo semêmico, um modelo básico é previsto para a construção de um enunciado mínimo. no que se refere às classes semântico-conceituais:

“Mensagem = Form. [Des. (id.) < Rel.> (id.)]

(“formulação de uma relação entre designações identificadas”).”(id,ib:39)

Embora o universo semêmico crie uma estruturação gramatical essencialmente linguística, sofre, de certa forma, a influência da visão que o grupo tem do mundo. Essa concepção do mundo condiciona e limita a estruturação semântica gramatical de uma língua, de tal modo que um fato gramatical semelhante não tem a mesma significação em códigos linguísticos diferentes.

Por outro lado, uma vez estabelecida a configuração semêmica de um código linguístico, todos os dados novos, observados e inseridos no universo referencial, são por ela condicionados; serão vistos e analisados a partir de experiência anterior, da visão do mundo daquele código e passarão a obedecer, estritamente, às exigências estruturais de sua semântica gramatical.

Afirmando-o, já antevemos a flexibilidade e a abertura do conjunto de elementos lexicais, que têm correspondentes no universo referencial e semiológico e a relativa rigidez e o caráter fechado do conjunto de elementos gramaticais.

O primeiro, que comporta *semas lexicais*, isto é, relativos à descrição de objetos e processos de semiológico, pode alterar-se a qualquer momento, com uma descoberta, com uma invenção, com a importação de um novo dado cultural a ser, assim, enriquecido com um novo signo ou com a adaptação semântica de um, já pertencente ao repertório. Essas mudanças provocam, de uma forma ou de outra, um deslocamento de rede semêmica, uma modificação, uma ampliação e um reestruturação parcial do universo semêmico.

O segundo, por sua vez, que comporta, exclusivamente, *semas gramaticais*, ou *taxes*, muito mais raramente sofre modificações e, se algo lhe é alterado, isso se dá em proporção muitíssimo menor, face ao outro conjunto, que pode ser constantemente reexaminado.

Esse fato levou Pottier (1968:65) a afirmar que

“ante lo infinito del universo, el hombre, através de la lengua, ha creado conjuntos, identificando las diferentes percepciones (...) Así, se llega a conjuntos táxicos finitos (sexo macho / v/ sexo hembra / v/ no sexuado), o no finitos (... “mostrar, designar, denominar, decir, proferir” ...). La “gramática” se ocupa de los primeros, el “léxico” de los segundos.”

O universo semêmico - ao dizer *semêmico*, referimo-nos ao linguístico, excluído todos os outros tipos de código que podem estabelecer uma interação de comunicação homem - universo antro-po-cultural - possui, portanto, duas partes interdependentes: uma, dotada de maior mobilidade, constituído um inventário aberto e não limitado; outra, relativamente fixa, constituindo um inventário fechado e limitado numa etapa linguística sincronicamente considerada.

Toda essa organização do universo semêmico e, em particular, a estabilidade da semântica gramatical asseguram a estabilidade do código linguístico e dão-lhe um caráter rigoroso e uniforme em sua estrutura e funcionamento.

Estamos, assim, diante do material que integrará uma das faces do signo linguístico, o seu conjunto sêmico. Com este, estrutura-se outro universo, o léxico, que terá como substância de conteúdo a forma do universo semêmico, isto é, sememas e redes semêmicas.

Encontra-se, neste nível, um tipo de organização semelhante ao dos universos anteriores e a possibilidade de se aplicarem aos mesmos modelos lógico-matemáticos, condições que permitem definir a estrutura do sistema léxico.

Com efeito, todos os objetos semêmicos podem ser reduzidos a elementos e a classes léxicas, conforme a natureza dos *semas* dos elementos do universo semântico: “o tipo de visão, dinâmica ou estática, os tipos de *semas* que compõem o *semema* - *sema lexicais* e *taxes* ou exclusivamente *taxes* - as *taxes* que integram os *sememas*” (PAIS, 1974:11) são os elementos que possibilitam relacionar as lexias e as classes.

A rede de lexias abrange as relações de lexia a lexia, de lexia a classe e de classe a classe. O conjunto sêmico das lexias/cão/e/gato/ permite colocá-las em relações de oposição comuns; a lexia/ cão/, por seu lado, está em relações de oposição inclusiva com a classe *nome*; e, finalmente, a classe *nome* está em relações de oposição transitiva com a classe *verbo* pelas taxes comuns que apresentam.

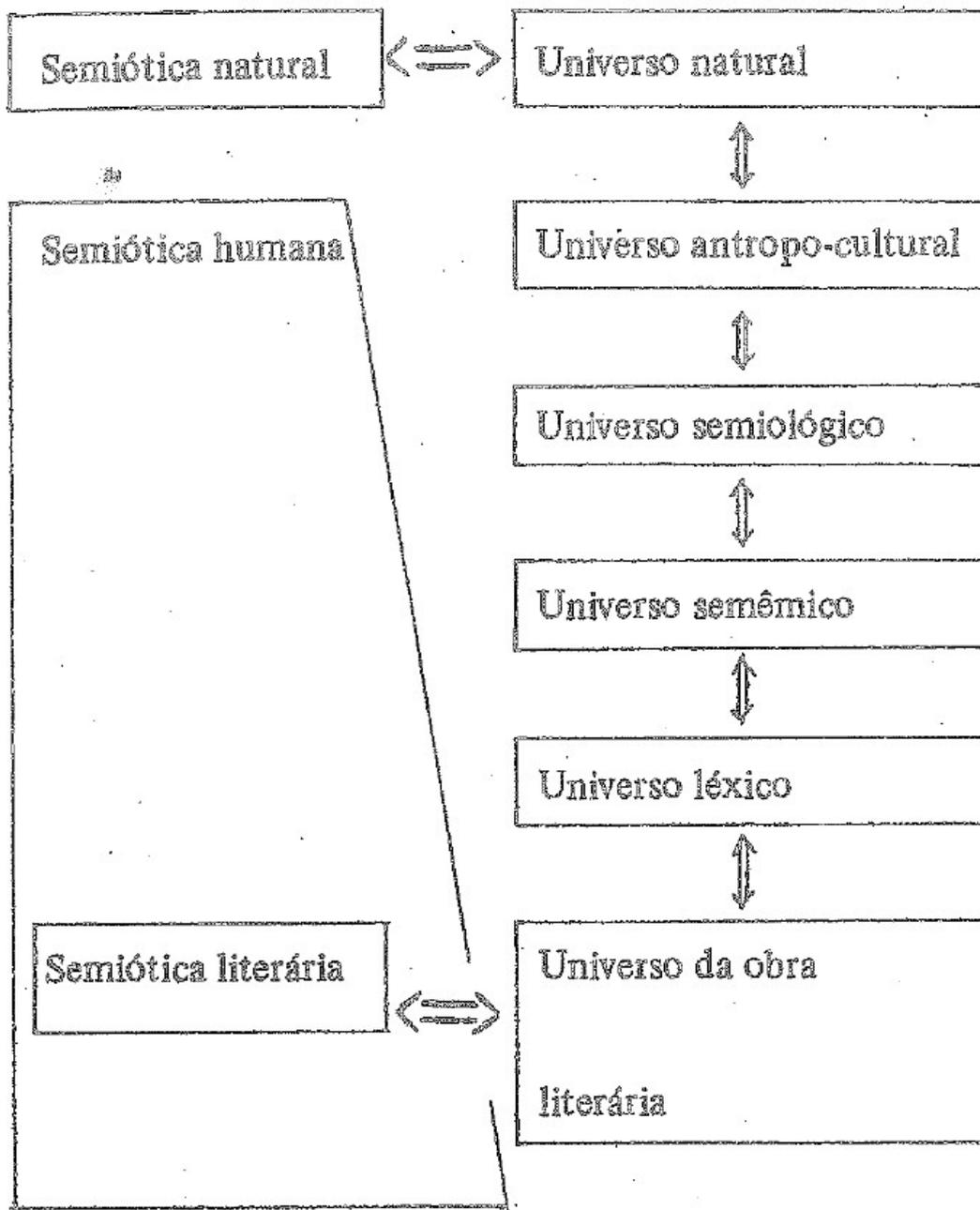
Feitas todas estas considerações, temos agora uma visão geral dos diferentes universos semióticos examinados, da relação recíproca e reversível que há entre eles e, segundo a qual, a forma de cada um deles corresponde sempre à substância do universo que se encontra no nível imediatamente superior de codificação. Na realidade, uns não existiriam sem a presença dos outros, pois os elementos de cada um deles são imprescindíveis para a estruturação do que se lhe segue, nos diferentes níveis de codificação. A separação teórica desses universos é um imperativo da análise, mas seria inconcebível no momento em que o falante codifica uma mensagem, já que o codificador sequer lhe conhece a existência.

Esta distinção, entretanto, é extremamente importante para o pesquisador, para o teórico, que poderão constatar a presença, em tais universos, de mecanismos semelhantes e constantes.

Efetivamente, todos possuem uma substância e uma forma; seus elementos mantêm todos os mesmos tipos de relações de oposição; daí decorre que todos tenham uma rede de oposições que estruturam as relações de dependência; todos podem ser descritos, aplicando-se os mesmos modelos lógico-matemáticos, o que torna o código linguístico suscetível de um tratamento científico.

A forma do universo léxico será a substância de que lançará mão um escritor para criar uma obra literária. Nesta, os elementos do léxico são estruturados numa rede parcial, em que se estabelecem relações semêmicas particulares, de que resulta uma rede semântica diversa daquele que o escritor possui em sua competência linguística. Surge, assim, um universo semiótico próprio à obra literária.(id,ib:13)

Temos, pois, uma sucessão de universos semióticos que pode, em última análise, ser resumida da seguinte forma:



O universo semiológico permite códigos diversos, dentre os quais o linguístico. O universo semêmico é exclusivamente linguístico.

Referências Bibliográficas

MARTINET, A. - Eléments de linguistique générale. 4 ed. Paris Armand Colin, 1973.

PAIS, C.T. - “Relações isotópicas e heterotópicas no universo semiológico”
Significação, Revista Brasileira de Semiótica, publicação no Centro de Estudos Semióticos “A. J. Greimas”, Ano I, nº 1, Ribeirão Preto, 1974.

POTTIER, B. - Gramática del español, Versión española de Antonio Quilis, Madrid, Ed. Alcalá, 1970/.

POTTIER, B. , Presentación de la lingüística. Traducción de Antonio Quilis, Madrid, Ed. Alcalá, 1968,

PAIS, C.T. - “Inter-relações forma-substância nos universos semióticos linguísticos”,
Revista Brasileira de Linguística. Ano 1, nº 1, Petrópolis, Ed. Vozes, 1974,